

LEÃO DE PRATA EM CAMPO AZUL

ANTÔNIO ACCIOLY NETTO

A Família Accioly (ou Accioli) é das mais antigas do Brasil; é daquelas cuja genealogia, pelo menos até o século XVI, melhor se conhecem. Documentos diversos, italianos e portugueses (*Tavole Genealogica*, de 1884 — *Nobiliarchia Florentina*, de 1739 — *A Família Acciaioli*, de F. S. de Lacerda Machado, Lisboa, 1941 — *Armorial Português*, de Santos Ferreira, e *Brasão-nário de Portugal*, de Armando Mattos, entre muitos), completados por testemunhos brasileiros, auxiliam a estabelecer esta linhagem, que se inicia em Florença, passa à Ilha da Madeira, e vem para nosso País, em Pernambuco e Ceará, espalhando-se em seguida por outros Estados.

Existe uma sinonímia múltipla do nome familiar. Inicialmente, escrevia-se Acciaiuoli — parecendo provir de “acciaio” (aço), possivelmente para significar o caráter forte da gente (análogamente aos Ferri, de Placência, ligados aos Acciaiuoli, e que assim se chamavam por ter “uma força férrea” — daí talvez os Ferraris e os Ferreiras). Ainda hoje há, em Florença, uma avenida beira-rio, ao longo do Arno, que se chama exatamente Lugarno Acciaiuoli. O nome, porém, se escreveu, também, Acciaioli (sem u), Acciajuoli, Achioli (aportuguesando-se para corresponder à pronúncia italiana) como consta da *Nobiliarchia Portuguesa* de Vilas-Boas e Sampaio, que diz: “Achioli ha Família nobilissima de Florença. Os que ha neste Reyno vem de

Simão Achioli que povoou na Ilha da Madeira e deu alli principio a esta familia de que ha Morgados e Casas Nobres”.

O *Armorial Português*, de Santos Ferreira, e o *Brasonário de Portugal*, de Armando Mattos, usam a forma Accioli; o “Elogio” de Manoel Thomas: Aos que lerem este nobiliario da familia dos Achayolis do inicio do seculo XVIII” já dá um aspecto diferente, com “ch” da pronúncia portugueza e o “y” que entrou, não se sabe bem por quê (um “delírio interpretativo” genealógico poderia dizer que o “y” provém do lírio que se encontra em alguns brasões da família: “Figura de leão rampante e uma flor-de-lis, com suas guardas no escudo com castelo de ouro” diz o “privilégio” que o Imperador Carlos V concedeu a Zenóbio Acciaioli em 1573).

Aliás, êsse inesperado “y” aparece múltiplas vêzes, substituindo ora um ora outro “ü” originais; e a forma brasileira, como se sabe, o inclui: Accioly.

ORIGEM DE UMA FAMÍLIA

Tôdas as genealogias conhecidas se iniciam em *Guiglarallo Acciainoli* (que alguns escrevem Gugliarallo). A segunda forma talvez se ligue a “agulha” — agulha de aço, unindo assim nome e prenome em uma só imagem. Guiglarallo veio em tórno de 1160 de Brécia para Florença (dizem alguns: descendente dos Condes de Borgonha). Comprou uma casa em Borgo Santi Apostoli e construiu em Val de Pesa uma tórre, hoje destruída, que se chamava Gugliaralla. Era guelfo e teria deixado Brécia para fugir à perseguição do imperador Barborossa. Quando, com a prevalência dos guelfos populares sôbre os gibelinos aristocráticos, os Acciols assumiram os postos de direção, explica um dos biógrafos: “Appena gli Acciaioli divennero grandi, le opinionone e le circostanze dell’antica nobilità in essi, con tenacità si radicarno”. O certo é que, na descendência mais próxima de Guiglarallo, encontram-se vários “golfalonieri” de Florença (sabe-se que, até Carlos V, a república florentina era governada por um “galfalonier”, magistrado eletivo e 48 priores). Assim o foram Marmino, eleito em 1290; Jacobo, em 1391; Donato, (casado com Honesta, da illustre família Strozzi “família claris-

sima pelas púrpuras sagradas e pelas mitras”, com dois generais da França — Pedro e Filipe), em 1391 e 1394 etc. Donato (outro do nome), filho de Hermínio, está enterrado no Mosteiro da Certosa, fundado pelos Acciolys, e no seu jazigo se vê gravado: “Donatus nomen, Patria est Florentia gens mi Acciaiola Domus etc”.

OS ACCIAIUOLI - MEDICIS

É de Donato, casado com a Strozzi, que provêm os Acciaiuolis da família Medicis. Neta dêle foi Ludovica Acciaiuoli (também chamada Laodernia) que em meados do século XV se casou com Pedro Francisco de Medicis (filho de Lourenço de Medicis e Felipa Cavalcanti) e que, por João de Medicis (casado com Catarina Sforza, filha do duque de Milão e de Branca de Sabóia), foi avô de João de Medicis, cognominado “o Grande” (1498-1527), “um dos mais insignes e valorosos capitães de seu tempo, do que tratam os anais da Itália”. Foi casado com Maria de Salviati, sobrinha de Leão X, o grande Papa mecenas dos princípios do Renascimento (protetor de Miguel Ângelo, Rafael e todos os maiores artistas de seu tempo). João de Medicis, que morreu de um tiro de mosquete, depois de ter amputado a perna, foi avô de Francisco de Medicis, genro do Imperador Fernando I e do qual há, no Louvre, um retrato pintado por Pedro Paulo Rubens.

Francisco teve como filha a grande Maria de Medicis, rainha da França, casada com Henrique IV, e mãe, como se sabe, de Luís XIII, também Rei da França, de Isabel de Bourbon (mulher de Filipe IV, Rei de Espanha) e de Maria Henriqueta de Bourbon, Rainha da Inglaterra. Maria Henriqueta foi casada com Carlos I, cuja trágica morte e o cadafalso é episódio capital da história da Inglaterra. É dêste drama que resulta, por um sebastianismo romântico bastante contraditório nas tradições genealógicas, o fato de haver quem atribua aos Acciolys direito ao trono de Elisabeth II. . . Deixemos, porém, essa linha genealógica de família, já confluindo assim para algumas das principais famílias reais da Europa: cogitemos de outros ramos, provenientes do mesmo venerável trono.

NICOLAU ACCIAIUOLI

Antes de passar aos Acciaiuolis que vieram ter ao Brasil, conviria talvez dar conta de uma linha diversa que foi a de um dos mais ilustres membros da família: Nicolau Acciaiuoli, Vice-Rei de Nápoles e Grão-Senescal do Reino (além de presidente da Romênia, que, por incumbência do papa Inocência VI, conquistou a Barnabé Viscont). Aliás, e fazendo um ligeiro parêntese, vale referir que os Acciaiuolis estiveram sempre ligados ao papado, tendo mesmo um deles, o cardeal Ângelo Acciaiuoli, tutor de Ladislau, Rei de Nápoles, obtido 6 votos para papa, na eleição que elevou Bonifácio IX à Sé de Roma.

Voltando a Nicolau (que morreu aos 56 anos de idade, em 1365), dêle consta, nas crônicas antigas, que era "assaz forte, de estatura mais de meã, de carne branca, cabelos ruivos e de olhos azuis". E a êle se refere o Arentino dizendo que "hera home de grande dignidade e muito tempo tinha governado, com sua authoridade e prudencia o Reyno de Pulha" (sabe-se que a Apúlia era das quatro partes em que, na época, estava dividida a Grécia).

OS ACCIOLYS DO BRASIL

Provêm êles de Donato Acciaiuoli, Gonfalonier de Florença, em 1391 e 1394, ao qual antes nos referimos e que foi avô de Ludovica Acciaiuoli de Medicis. Um filho de Donato, Néri, casado, como o pai, na nobre família Strozzi, foi antepassado de Zenóbio Acciaiuoli que teve como mulher Catarina Delfini, descendente de Umberto II, senhor do Delfinado (o Delfinado, como se sabe, foi o Estado que, cedido em 1349 pelos Delfini à coroa de França, como "apanágio" dos príncipes herdeiros, deu a êstes, a partir de então, o título de Delfins ou Dauphins, do trono francês).

Um filho de Zenóbio, Simão Acciaiuoli, veio de Florença para a Ilha da Madeira (onde morreu em 1554 e está sepultado no convento de São Francisco, na cidade de Funchal). Simão casou-se com Maria Pimentel e Drummond, que era descendente de Gonçalo Aires Ferreira, conhecido como o "primeiro homem

que teve filhos na Madeira” e que por isso deu ao mais velho e à mais velha, respectivamente, o nome de Adão e de Eva). Simão foi avô de Gaspar Acciaiuoli de Vasconcellos, que veio para Pernambuco em princípios do século XVII e cujos filhos Zenóbio Acciaiuoli de Vasconcellos e João Baptista Acciaiuoli iniciaram os dois ramos brasileiros da família. Zenóbio foi pai de Felipe de Moura Acciaiuoli, que se casou com Margarida Acciaiuoli, sua prima, e foi alcaide-mor de Pernambuco, tendo um de seus filhos, João Baptista (genro por sua vez de Maria Acciaiuoli), sido alcaide-mor de Olinda. Outro filho de Zenóbio, João Baptista Acciaiuoli, foi pai de Gaspar Acciaiuoli de Vasconcellos, casado com uma filha bastarda do grande João Fernandes Vieira, governador de Pernambuco e Angola.

É desses dois troncos que se originam os Acciols do Brasil, entre os quais maior notoriedade como homem público obteve Antônio Pinto Nogueira Accioly, que foi comendador do Império, presidente da Província do Espírito Santo (no reinado de Pedro II), que governou por várias vezes o Estado do Ceará e que era neto de Rosa Leonardo Accioly e primo de Antônio Vitruvius Pinto Bandeira Accioly de Vasconcelos (nome, como se vê, semelhante ao de Gaspar Acciaiuoli de Vasconcellos, antes referido e que foi o primeiro Acciaiuoli vindo ao Brasil).

O livro de Lacerda Machado, que foi base da maioria dessas notas, chega realmente em suas referências, até Antônio Pinto Nogueira Accioly, do qual diz, em palavras com as quais terminamos, que “dos Acciaiuolis surgem a espaços, como lampejos das velhas glórias, nomes ilustres como, na Grécia, em nossos dias, o grande estadista Eleutherio Venizelos Acciaiuoli, presidente da República, falecido em 18 de março de 1936; e no Brasil o Dr. Antônio Pinto Nogueira Acciaiuoli, presidente do Estado do Ceará”. Hoje em dia, com membros espalhados pelos vários Estados do Brasil, a família Accioly, é, sem dúvida, uma das maiores do País.